

negativos de recusa da paixão, bem como dos sentimentos derivados de raiva e ódio, de ciúme e vingança que caracterizam, em tantas situações diversas, a atitude do Venusino frente às infidelidades ou ao repúdio das amadas (e dos amados, naturalmente)”, p. 11. A paleta erótica de Horácio é incomparavelmente mais colorida do que a de Pessoa; mas os excessos de um e a escassez de outro confluem num idêntico sentimento de abandono e solidão, aquela «irremediável solidão metafísica e psicológica» (p. 119) que também irmana Ricardo Reis e Fernando Pessoa. Aproximando a jovem Cloe ricardiana (com evidentes tonalidades horacianas) da jovem e inexperiente Ofélia — a amada intermitente de Pessoa —, Maria Teresa Schiappa de Azevedo propõe duas leituras importantes: por um lado, quebra o gelo, apenas aparente, das *Odes* de Reis; por outro lado oferece mais um elemento que nos permite dar conta da unidade subjacente à diversidade do ‘universo Pessoa’. Nesta perspectiva, os pormenores psicológicos e estilísticos coligidos pela ensaísta são extensíveis a Álvaro de Campos e a Albero Caeiro, podendo mesmo contemplar certas passagens de Bernardo Soares.

Rostos de Pessoa é um livro desafiador: nas afirmações, nas sugestões e no modo de ler que a autora perfilha. Com efeito, Maria Teresa Schiappa de Azevedo consegue aliar, com rara felicidade, a erudição rigorosa e a perspicácia interpretativa, transformando a poesia em palavras plenas de complexidade, ‘carregadas de sentido’. São disso exemplo modelar os artigos “À Volta do Poeta Fingidor” (p. 15-38), ou “Fernando Pessoa e o Nome das Flores: o Girassol e o Malmequer” (p. 53-80).

Num livro tão importante, é pena que não tenha havido uma maior preocupação com certos aspectos formais. As repetições são convincentemente justificadas pela autora no Prefácio (p. 10), mas há, aqui e ali, um certo descuido na composição do texto, bem como uma ou outra gralha, que poderiam ter sido facilmente evitadas. Como é evidente, nenhum destes pequeníssimos pormenores afecta gravemente este livro sólido e delicado. Sólido pela força dos ensinamentos, e delicado pelo sopro de afectividade e humana compreensão que Maria Teresa Schiappa de Azevedo nos transmite.

ANTÓNIO MANUEL FERREIRA

Maria de Fátima Sousa e Silva (coord.), *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. II (Estudos da FLUC, n.º 35), Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, 441 pp. [ISBN: 972-772-227-X].

Se o primeiro volume (Lisboa, Colibri/FLUC, 1998), com um inventário de pouco mais de centena e meia de representações de teatro greco-latino ou nele inspirado levadas à cena entre 1941 e 1998, permitia afirmar já um “gosto

português” por estas temáticas¹, este segundo volume, saído do prelo em Março de 2001, ao acrescentar àquele cerca de quatrocentas e quarenta novas notícias, não só confirma de forma iniludível esse gosto, como também consente que melhor se avalie a extensão do fenómeno entre nós.

Este acréscimo significativo de informação decorreu, como refere a coordenadora do projecto (p. 9), não só do facto de se ter alargado o âmbito da pesquisa a todo o século XX, mas ainda também da circunstância de se ter aprofundado a pesquisa com uma consulta sistematizada de jornais e revistas e de se ter contado com o precioso contributo de companhias e grupos de teatro, de actores, de professores ou até de simples indivíduos que testemunharam experiências dramáticas que, de outra forma, teriam ficado no esquecimento. Assim, é sem surpresa que este volume, fruto de uma investigação mais aturada e minuciosa, apresenta a novidade de quase meia centena de notícias de teatro radiofónico (quase todas da década de cinquenta) e de duas dezenas de encenações de textos de autores que não figuravam no primeiro volume (Cratino, Menandro, Luciano, Herondas, Teócrito, Terêncio e Séneca), vendo ainda ampliado de forma significativa o número de registos de filmes exibidos ora na TV ora nas salas de cinema (cerca de 100) e o número de adaptações de temas gregos (169) e de temas latinos (125). O desaparecimento do capítulo dedicado às “adaptações musicais” (que, no vol. I, apresentava reconhecidas lacunas) não significa que se tenha descurado este importante filão. Muito pelo contrário. Diluídos pelos diferentes capítulos do livro, contam-se cerca de 120 registos de espectáculos de inspiração clássica, nos domínios da música, da ópera e do bailado.

No restante, os resultados apresentados confirmam as conclusões que se haviam extraído já da leitura do primeiro volume. Eurípides e Sófocles, respectivamente com 92 e 84 representações ou recriações de peças suas, foram os mais apreciados ao longo do séc. XX português. A alguma distância já, surgem Plauto com 50, Ésquilo com 35 e Aristófanes com 26. Também, no capítulo da tragédia, se confirma uma evidente e significativa predilecção por *Antígona* que regista 47 encenações (14 a partir do original grego, 33 de recriações ou adaptações), logo seguida por *Medeia* (33), *Rei Édipo* (23), *Troianas* (13), *Hipólito/Fedra* (13) e *Prometeu* (11). E de igual forma, no capítulo da comédia, *Anfitrião*, com 14 representações, e *Lisístrata*, com 12, continuam a figurar na primeira linha das preferências do público e encenadores portugueses.

Com uma disposição e apresentação que permite uma fácil e agradável consulta das seis centenas de registos que o compõem, este livro, além de

¹ Vide a nossa recensão em *Ágora* 1 (1999) 208-209. Ao contrário do que aí afirmámos, com base na informação da p. 204 do vol. I, a mais antiga das peças inventariadas nesse volume não é a trilogia de Eugene O'Neill, *Electra e os Fantasmas*, estreada em 1943 no Teatro D. Maria II pela Companhia Amélia Rey-Colaço – Robles Monteiro, mas sim o *Auto chamado dos Enfatriões* de Luiz de Camões, levado à cena por esta mesma Companhia, em Março de 1941 e não em 1943, como, por falta de informações mais precisas, aí se escreve. Cf. *Representações de Teatro Clássico no Portugal Contemporâneo*, vol. II, pp. 297-298.

comprovar a inegável vitalidade dos temas greco-latinos, evidencia também o grande incremento que as representações de teatro de raiz clássica tiveram entre nós, sobretudo, nos últimos vinte anos. De facto, metade dos espectáculos inventariados reporta-se a este período temporal, marcado por grandes eventos culturais como a ‘Expo 98’ e as Capitais Europeias da Cultura de Lisboa e do Porto.

A inclusão, num próximo volume, de índices de produtores, de encenadores e de autores que recriaram ou reinventaram os textos clássicos, ao possibilitar o cruzamento de informações dispersas e ao facilitar ainda mais a consulta, enriqueceria, a nosso ver, esta obra de referência para a história do teatro português e mesmo europeu.

CARLOS MORAIS

Carlota Maria Lopes de Miranda Urbano, *A Oração de Sapiência do P. Francisco Machado S.J. – Coimbra 1629 – Estudo. Tradução. Comentário, (Estudos da FLUC, n.º 33), Lisboa, Edições Colibri / Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2001, 202 pp. [ISBN: 972-772-215-6].*

A obra em epígrafe apresenta-nos um estudo de inegável qualidade sobre uma Oração de Sapiência proferida na Universidade de Coimbra, na abertura do ano lectivo de 1629-1630, pelo P.º Francisco Machado S. J., então professor de Retórica no Colégio das Artes, em Coimbra. As orações universitárias em latim, tanto as de abertura do ano lectivo como outras, têm sido, nos últimos anos, objecto de inúmeros trabalhos, aos quais acresce mais um, publicados sob a orientação do Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, uma referência incontornável no panorama do estudo do Humanismo Renascentista em Portugal. Não há dúvida de que os frutos deste labor continuado sobre as orações universitárias muito tem contribuído para o conhecimento da vida cultural do século XVI. Esta dissertação, porém, tem o mérito de analisar uma Oração do início do século XVII, um período de transição entre o Humanismo Clássico e o Barroco, cujo estudo tem sido bastante descurado pela investigação.

Nos dois primeiros capítulos do livro, prefaciado pelo Prof. Doutor Américo da Costa Ramalho, a autora apresenta uma análise cuidada da vida e obra do P.º Jesuíta, dedicando especial relevo à sua formação na Companhia de Jesus. F. Machado notabilizou-se sobretudo como orador, mas é também autor de algumas composições poéticas. A investigadora complementa, de forma oportuna, a apresentação da obra do P.º Jesuíta com a tradução e anotação de duas elegias que reflectem o gosto maneirista da época, atestando a sua veia poética.

A apresentação do texto latino e respectiva tradução da Oração de Sapiência, precedidas por uma análise introdutória, ocupam o quarto capítulo da obra, onde são facultados elementos que permitem definir e compreender o contexto histórico e social que está na génese desta Oração de Sapiência.